

O Salto

O JORNAL DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS

VASCO MC MARTINS

LE JOURNAL DES TRAVAILLEURS PORTUGAIS IMMIGRÉS • B. P. 95 - PARIS 11 • C.C.P. «O SALTO» 56 2685 PARIS • MENSAL - 0,8 DM; 0,8 FL; 10 FB; 1F

O Salto novo rumo

No "Salto" nº1, nós dissemos que o nosso jornal devia ser como o pedreiro que vai construindo os alicerces que acabarão por unir os trabalhadores portugueses e todos os progressistas.

A Associação "Resistência e Trabalho" da Holanda compreendeu a necessidade que há em unir todos os esforços dispersos e isolados, que fazem os emigrantes portugueses no campo da informação. Assim, numa Assembleia Geral realizada na Holanda, a A.R.T. decidiu a fusão do "Novo Rumo" com "O Salto".

Este acontecimento de uma grande importância na construção da União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados, veio encher de alegria o coração dos colaboradores do "Salto" e "Novo Rumo" e de todos os trabalhadores e progressistas que dele tiveram conhecimento.

No nosso próximo número publicaremos um comunicado conjunto das redacções do "Salto" e "Novo Rumo" sobre este assunto.

PORTUGUESES VÍTIMAS DE AGRESSÃO RACISTA

As ruas de Villejuif e de Kremlin-Bicêtre foram teatro de uma série de atentados de carácter racista na noite de 19 a 20 de Junho. Sete trabalhadores portugueses emigrados foram desta vez as vítimas. Todos eles foram atacados individualmente.

Filipe Martins, 54 anos, foi agredido no estômago com golpes de faca; António Paema, 28 anos, agredido com golpes de faca na cara e nas costas; Alcido Monteiro, 33 anos, agredido na cara com uma garrafa; José Pereira, 38 anos, agredido na cara com estilhaços de vidro; Joaquim Martins Ferreira, 26 anos, igualmente agredido na cara; José Azevedo Sobreira, 34 anos, e seu irmão de 40 anos foram gravemente feridos com golpes de "casse-tête" e garrafas.

Segundo notícias chegadas à redacção do "Salto", alguns estão internados no hospital e em estado grave; outros ficarão marcados para toda a vida.

"O Salto" solidariza-se inteiramente com os trabalhadores portugueses vítimas de agressão racista e denuncia com todas as suas forças a campanha racista que vem a ser preparada, nomeadamente por certos agrupamentos fascistas contra os trabalhadores emigrados, especialmente argelinos, portugueses e africanos.

Os jornais noticiaram que seriam grupos de jovens fascistas que teriam feito tais acções.

Nos perguntamos: por detrás desses "grupos" o que estará? O que moverá esses "jovens" a fazer isso? Serão grandes interesses que estão a mover esses braços?

Não há dúvida. Tudo na vida tem uma explicação.

PERMANÊNCIAS

Durante o mês de Julho, às 2ª, 3ª e 5ª feiras a partir das 20 h 30m, no 59 rue de La Fontaine-au-Roi, Paris 11, Metro Goncourt poder-te-ás informar sobre o jornal.



os novos acordos sobre a emigração NADA NOS OBRIGA A FAZER A TROPA

—Os novos acordos da Emigração!

—Quem tiver menos de 24 anos é obrigado a ir fazer a tropa!

Quem fala assim é um vendedor do "Jornal dos Bancos" no mercado de Villiers, nos arredores de Paris. Mas nem todos os portugueses que o ouvem, vão na sua cantiga. Há quem diga:

—Isso é boato! Não é a primeira vez que eles o põem a correr. Lembro-me, há três anos, de um indivíduo ligado ao consulado dizer que íamos todos ser obrigados a ir lá para baixo!

O boato não começou ali, em Villiers, com certeza. Mas a partir desse dia, em todo o lado, jovens aflitos nos perguntavam se iam ser expulsos de França.

Um jovem trabalhador declarou: —"Eu parto no próximo mês, assim vou a tempo de ir à inspecção."

Como lhe dissessem: —"Mas vais matar, numa guerra injusta, trabalhadores como tu que lutam para se libertarem!"

Ele respondeu: —"De qualquer modo eu vou ser obrigado a partir; parto pois, quanto antes!"

A esta atitude de debandada corresponde a reacção dos trabalhadores mais conscientes e de todos os progressistas, que é a de dizerem que, enquanto não houver prova nenhuma, isso não passa de um boato do governo português.

"Parta pois, quanto antes!"

Eis a frase que os que promovem este boato queriam ouvir. A quem pode interessar que centenas de jovens refractários ou em idade de serviço militar, mal informados, se deixam tomar pelo pânico e partam para fazer a tropa? Evidentemente que só aqueles a quem a opressão dos povos de Angola, Guiné e Moçambique também interessa. Ora, entre estes, destaca-se a burguesia portuguesa, que aterrorizada pelas derrotas militares, aumenta o seu terror vendo o número crescente de jovens que se recusam a partir para a guerra colonial.

A coisa mais natural do mundo é pois que o governo português tivesse pedido o repatriamento de refractários e desertores. Mas daí

ao governo francês poder aceitar isso, vai um grande caminho. No entanto esse caminho foi rapidamente transposto por um jornalista de escândalos, estilo "Actualidades", que, querendo passar por progressista, engole a isca fascista e põe em grandes títulos "Ameaçados de Expulsão Os Jovens de Menos de 24 Anos".

Um indivíduo que lê este jornal, veio logo dizer-nos:

—"É verdade! O acordo diz mesmo que vamos ser expulsos!"

O pânico não deixa de aumentar. —"Eu tenho de escolher o país para onde vou e isso o mais depressa possível", diz um desertor.

O jornal "Le Monde" anuncia que 100 jovens desertores e refractários abandonaram a França e pediram asilo na Suécia.

Tudo isto só faz com que a debandada aumente.

Os fascistas continuam a actu-

ar, através do consulado ou sabe-se lá de quem! Eles tomam conhecimento da direcção de alguns jovens em idade de ir para a tropa e enviam-lhes de Portugal a convocatória para se apresentar nos serviços de recrutamento!

Mas há os que não vão em boatos como outro dia no Bicêtre, um jovem pedreiro que nos disse:

—"Obrigados! Isso nunca, eles também me quiseram obrigar a ir para a guerra... Nem que fosse verdade o que dizem, obrigados nunca somos!"

Os acordos Schumann-Patricio

"O Salto" consciente da gravidade da situação e por que de facto o Ministro dos Negócios Estrangeiros português, Rui Patrício e o Ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Schuman acabam de assinar um novo acordo sobre a Emigração, procurou informar-se o melhor possível antes de tomar uma posição.

Assim podemos afirmar que: 1- O acordo Schuman-Patricio ainda não foi publicado no "Jornal Oficial", órgão onde vem publicadas as decisões do governo francês;

2- Todo o abuso de que sejam vítimas os Emigrados é portanto ilegal;

3- Os próprios fascistas já não dizem aos quatro ventos o que dizem sobre o acordo. O que talvez queira dizer que as propostas do governo português não puderam ser aceites pelo governo francês;

4- Uma pessoa próxima do Ministério dos Negócios Estrangeiros francês afirmou que não havia nada no acordo que tocasse os refractários e desertores que já estão em França.

Isto é o que existe, ao nosso conhecimento, de seguro. Tudo o resto não passam de boatos ou suposições.

Aos trabalhadores só serve a verdade. Só ela os poderá libertar. Ora a verdade só pode ser atingida através do estudo correcto de dados concretos. Sem dados não pode, pois, haver estudo.

Portanto aguardemos que os novos acordos sobre a Emigração sejam publicados ou conhecidos para os estudarmos e tirarmos conclusões, verdadeiras, necessárias

(Continua na pag.5)

REPORTAGEM NA PRISÃO-ESCOLA DE LEIRIA

O correspondente do "Salto" em Portugal, Cunha Bastos, esteve na Prisão-Escola de Leiria. Eis o que nos conta:

"É quase desconhecida no país a existência duma Prisão-Escola em Leiria. Só a conheci aquando da minha passagem por aquela cidade, nos anos da minha juventude. Como sempre, gostei de contactar, informar-me, conhecer coisas. Pedi a autorização ao director da Prisão-Escola e fui conversar com os rapazes. Encontravam-se ali jovens desde os dezasseis até aos vinte e cinco anos. Envergavam uma farda de ganga já queimada pelo sol e pela lexívia. Traziam na cabeça um boné e no mesmo um número.

Eu queria saber, como eles viviam.

—O Sr. é jornalista?

—Há coisas aqui dentro que as pessoas lá fora não sabem...

—E deviam saber o que é isto!

—Trazem-nos para cá para aprendermos a ser homens e quando saímos somos uns revoltados.

Quando abrandou o burburinho, entrevi:

—Há quantos anos existe esta casa?

—Vinte anos.

Estes vinte anos que influência tiveram no problema do jovem delinquente? O que pensam estes rapazes ao fim de meio dúzia de anos de ambiente de prisão? Eis um tema cheio de interesse.

Na impossibilidade de os ouvir a todos, limitei-me a registar uma conversa com um deles:

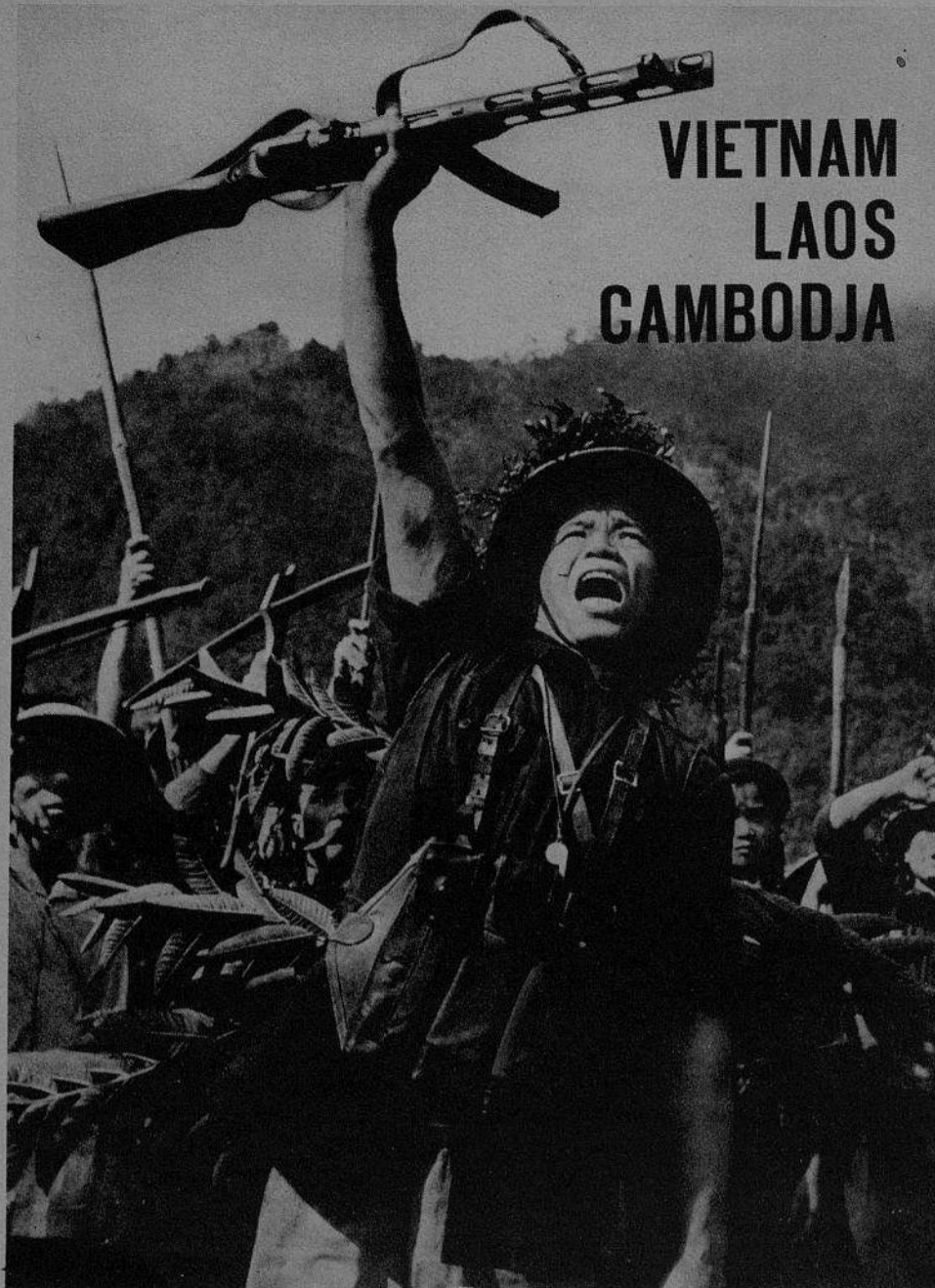
—Como te chamas?

—António.

—Esse número que trazes no boné, o que é que significa?

—Significa que aqui nem temos

(Continua na pag.6)



VIETNAM LAOS CAMBODJA

A LUTA DOS POVOS É INVENCÍVEL

Com este título vai "O Salto" organizar brevemente um ciclo de debates sobre a luta que se trava hoje mundialmente contra o imperialismo, principalmente o imperialismo americano, que se tornou, na fase actual da situação internacional, o maior inimigo dos povos, o maior agressor, o mais encarniçado inimigo da paz. Os povos do Vietnam, Laos, Cambodja, Angola, Guiné, Moçambique, Palestina, Brasil, Colômbia e de tantos outros países das vastas zonas da Ásia, África e América Latina iniciaram o combate que colocou já o imperialismo na sua agonia final e abriu à humanidade o caminho da felicidade e da paz.

Este ciclo de debates, cujos pormenores "O Salto" dará a conhecer muito em breve a todos os seus leitores, colaboradores, assinantes e amigos é uma grande realização de que nos sentiremos certamente, orgulhosos. Mas para isso, "O Salto" apela, desde já, para a participação de todos nessas jornadas.

"O Salto" inicia, pois, neste número uma série de pequenos artigos sobre os pontos do mundo onde o imperialismo está cavando a sua ruína e os levantam a sociedade nova.

Começaremos pelo Vietnam, o Laos e o Cambodja.

Há pouco tempo ainda, o imperialismo americano enviou dezenas de milhares de soldados americanos e fanteioches saigonenses para uma invasão massiva do Laos, em colaboração com o exército dos reaccionários laocianos e dos mercenários tailandeses.

O imperialismo americano fomentou em Março de 1970 um golpe de Estado no Cambodja, aproveitando-se da ausência no estrangeiro do chefe de Estado Norodom Sihanouk, colocou à cabeça do Estado cambodjano a quadrilha pró-americana Lon Nol-Sirik Matak e invadiu o Cambodja em 18 de Março de 1970 com a finalidade, segundo dizia, de destruir os acampamentos de "vietcongs" (combatentes do exército popular do Vietnam do Sul) existentes naquele país.

Depois da invasão do Vietnam do Sul pelos agressores americanos

e das tentativas sempre falhadas de agressão ao Vietnam do Norte, os Estados Unidos alargaram decididamente a guerra a toda a Indochina. Trata-se de um acto extremamente grave da parte do imperialismo americano que, visando intensificar a agressão no Vietnam do Sul, no Laos como no Cambodja e a ameaçar directamente a segurança da República Democrática do Vietnam (R.D.V.N.) faz planar uma ameaça à segurança da República Popular da China e criou uma situação perigosa para a paz na Ásia e no mundo. Tudo isto concorre para demonstrar que o imperialismo americano, apesar das suas derrotas desastrosas, continua sempre muito obstinado e recusa abandonar os seus cálculos agressivos contra o Vietnam e os outros países indochineses. O que revela claramente que as pretendidas "paz", "negociações", "retirada de tropas", etc. são pregadas pela administração Nixon, não são senão um rolo de fumo destinado a encobrir a extensão da guerra.



56 crianças de 10 a 15 anos mortas pelas tropas imperialistas americanas.

A unidade dos povos indochineses

Depois da Conferência de alto nível dos povos indochineses, realizada em Abril de 1970, a solidariedade militante dos povos da Indochina conheceu um desenvolvimento importante. Os povos vietnamita, laociano e cambodjano

no constituíram-se numa potente frente unida no interesse da luta comum contra a agressão imperialista americana, pela libertação nacional. Agindo em conjunto, permanecendo estreitamente unidos e combatendo lado a lado, obtiveram vitórias esplêndidas em todos os campos de batalha e criaram uma excelente situação pela força das armas. Hoje, fiel às últimas vontades do Presidente HO CHI MINH, valoroso dirigente anti-imperialista, o heróico povo vietnamita levanta bem alto a bandeira da "determinação de combater e de vencer", avança vigorosamente no seu caminho vitorioso e bate-se com bravura na grande luta para destruir o complot do imperialismo americano visando a "vietnamizar" a guerra de agressão ao Vietnam (esta tática consiste em dividir os vietnamitas para os pôr uns contra os outros. A esta tática o povo contrapôs a sua unidade de ferro), libertar o Sul, defender o Norte e progredir para reunificação pacífica da pátria. Sob a direcção esclarecida de Samdech Norodom Sihanouk, chefe de Estado do Cambodja e da Frente Unida Nacional do Cambodja, a luta conduzida pelo valente povo cambodjano contra o imperialismo americano desenvolveu-se com impetuosidade; em menos de um ano, vastas zonas foram libertadas, (ou mais exactamente, 7/10 do território e 6/10 da população estão neste momento libertadas e são administradas pelo governo de união presidido por Norodom Sihanouk), e os agressores americanos, os fanteioches saigonenses e a quadrilha traidora de Phnom-Penh (capital do Cambodja) sofrem cada vez mais golpes. Sob a direcção clarividente da Frente patriótica laociana presidida por Souphanouvong, os heróicos exército e população patrióticas do Laos conduziram um combate corajoso e tenaz, consolidaram e desenvolveram as regiões libertadas.

A vitória do povo laociano

Foi estrondosa a vitória do povo laociano aquando da recente invasão que o imperialismo americano efectuou no Laos. Vamos tratar deste acontecimento em especial. Tomámos um comunicado do comando supremo do Exército Popular de Libertação do Laos:

Diz-se no comunicado:
"A operação agressiva "Lam Son 719" (nome de código dado à invasão levada a cabo pelos americanos e fanteioches saigonenses no Sul do Laos, conheceu uma derrota total.

O nosso povo e as suas forças armadas conseguiram a vitória completa nesta campanha histórica.

...Eles (os americanos) mobilizaram, para a frente da estrada nº9 (ver o mapa), um grande efectivo de 45.000 homens, composto na sua quase totalidade por forças de reserva geral do exército fanteioche saigonês, e duma parte importante de tropas americanas, assim como uma grande quantidade de material de guerra, tomando Dong Ha e Khe Sanh (no Vietnam do Sul) com pontos de apoio para atacar o Sul do Laos. Lançaram mais de 20.000 soldados fanteioches saigonenses em território laociano para aí levar a cabo um ataque agressivo com a coordenação de combate duma força considerável da aviação americana e com a participação duma parte das tropas americanas.

O inimigo alimentava grandes ambições nesta operação: crear grandes dificuldades à luta dos três povos da Indochina contra os agressores americanos, pela salvação nacional, afim de mudar em seu favor a situação da guerra na Indochina; remediar a derrota do plano de "vietnamização" da guerra no Vietnam do Sul; dar força aos laçaios dos americanos em má situação no Laos e no Cambodja; provar a eficácia da doutrina reaccionária de Nixon e de crearas condições favoráveis para a reeleição de Nixon para a presidência dos Estados Unidos.

Todas estas loucas ambições de Nixon e dos seus fiéis servidores nesta operação foram totalmente desbaratadas.

O comunicado continua: "Eliminamos importantes forças vivas e uma grande quantidade de material de guerra dos americanos-saigonenses pertencendo a todas as armas e especialidades: paraquedistas, motorizados, fuzileiros navais, rangers, compreendendo

quase todas as forças de reserva geral, forças de choque do exército fanteioche de Saigão. 15.400 soldados foram mortos ou feridos, 1.000 outros feitos prisioneiros (entre eles muitos oficiais superiores), destruídos ou danificados mais de 490 aviões inimigos, mais de 580 veículos militares e uma centena de peças de artilharia pesada.

Do que diz respeito a unidades, pusemos fora de combate 2 brigadas de divisão de paraquedistas, a 1ª brigada de cavalaria blindada de "missão especial" compreendendo 4 regimentos blindados, a 147ª brigada de fuzileiros navais, os 1º e 2º regimentos de infantaria regulares, infligimos pesadas baixas ao 3º regimento da 1ª divisão de infantaria, à 1ª brigada de rangers e à 258ª brigada de fuzileiros navais, eliminámos 8 batalhões de artilharia e dizimámos 5 outros.

Podemos defender a zona libertada, defender a cidade de Tchepone, a vida e os bens da população, as nossas bases e os nossos depósitos e assegurar a continuidade do nosso tráfico nas vias de comunicação.

A grande vitória que as nossas forças armadas e o nosso povo, combatendo lado a lado com a população do Vietnam do Sul e suas forças armadas heróicas, conseguiram sobre a estrada nº9, derrotando a operação agressiva "Lam Son 719" empreendida pelos americanos-saigonenses no Sul do Laos, tal como a que foi conseguida pelos combatentes do Cambodja, põem em cheque a operação agressiva "vitória completa" empreendida pelos americanos-saigonenses no nordeste do Cambodja, revestem um grande significado e tem uma grande importância política e militar.



O povo vietnamita que é constituído na maioria por camponeses, deseja paz e liberdade.

Ela influi grandemente na situação política nos Estados Unidos, erguendo protestos cada vez mais vivos do povo americano contra a política de quadrilha agressora de Nixon, tornando mais agudas as contradições internas daquela, acumulando enormemente as dificuldades dos imperialistas americanos e impulsionando vigorosamente o movimento do povo americano e dos povos do mundo pelo apoio à justa luta dos três povos da Indochina.

Esta importante vitória é uma vitória do ardente patriotismo do nosso povo, do seu rancor feroz para com os agressores e traidores, da sua determinação de aceitar os maiores sacrifícios pela independência e pela liberdade da pátria e de cumprir as suas nobres obrigações internacionalistas; é uma manifestação brilhante e concentrada das nossas tradições nacionais de luta heróica e indomável e do heroísmo revolucionário das nossas forças armadas e do nosso povo.

O comunicado termina dizendo: "O nosso povo e as suas forças armadas devem redobrar de vigilância, unir-se como um só homem e, sobre o caminho vitorioso, combater com valentia e perseverança até à vitória completa.

O nosso povo está disposto a lutar lado a lado com os povos irmãos do Vietnam e do Cambodja para expulsar resolutamente os imperialistas americanos da península indochinesa e recuperar a independência, a liberdade e a integridade territorial da pátria.

Que Nixon e companhia saibam que se continuarem a prolongar e a estender a sua guerra de agressão, espera-os ainda derrotas maiores."

"Quem semeia ventos, colhe tempestades!"

A comissão organizadora das jornadas
"A Luta dos Povos É Invencível!"

O SALTO ENTREVISTA UM PATRIOTA ANGOLANO DA U.N.I.T.A.



**OS HERÓICOS COMBATENTES
ANGOLANOS**

No passado mês de Março, o Centro de Difusão da Cultura Portuguesa, em colaboração com a Federação dos Estudantes da África Negra em França (F.E.A.N.F.), organizou uma sessão comemorativa do 10º aniversário do começo da luta de libertação em Angola. Para esta sessão foram convidados os movimentos de libertação das colónias portuguesas:

PAIGC, UNITA, MPLA e FRELIMO. Devido a razões de vária ordem só a UNITA pôde mandar um representante. Os trabalhadores portugueses e os progressistas que acorreram numerosos, deram mostras de uma solidariedade profunda de como patriotas angolanos. No fim, pedimos ao camarada da UNITA, presente, que nos concedesse uma entrevista, que ele aceitou com grande entusiasmo.

"O Salto"- Desde quando existe a UNITA?

"Históricamente, a UNITA existe desde 15 de Dezembro de 1965. Antes de começar a luta armada a UNITA fez um trabalho de preparação política e educação ideológica das massas no interior de Angola, sobretudo nas regiões chamadas do "fim do mundo" pelos colonialistas portugueses. O seu aparecimento manifestou-se no ataque espectacular a Vila Teixeira de Sousa, a 15/12/1966. Ataque que teve como objectivo impedir, e impediu de facto, a construção de uma base militar dos colonialistas portugueses. Neste ataque as F.A.L.A. (Forças Armadas da Libertação de Angola) obtiveram uma grande vitória, tendo sido liquidado o chefe local da criminosa PIDE."

"O Salto"- Em que condições foi criada a União Nacional para a Independência Total de Angola?

"A UNITA, como organização política, apareceu numa fase em que a luta de libertação nacional atravessava uma crise; crise devida ao facto de nenhuma das organizações existentes ter uma direcção justa. A UPA (União das Populações Angolanas), partindo duma base essencialmente tribal, só em 1961 é que tomou uma coloração nacionalista. Tornou-se um partido de massas. Assim, como os camaradas sabem a UPA pôde, no início da luta, enquadrar massas populares angolanas que, espontaneamente, pegaram em armas para lutar contra o colonialismo. Mas, a falta de uma ideologia revolucionária que desse ao movimento uma direcção justa, permitiu a infiltração do imperialismo americano liquidando assim a direcção da organização. Esta, com todos os seus dirigentes, encontrava-se fora de Angola, no Congo Kinshasa.

A outra organização, o MPLA (Movimento Popular da Libertação de Angola) cuja direcção se encontrava e encontra-se no Congo Brazzaville desde fins de 1962, atravessava uma crise interna que culminou pela expulsão do seu secretário geral, Viriato da Cruz, dirigente com uma visão correcta da luta. Assim o MPLA encontrava-se na impossibilidade de passar à fase de guerra popular, quero dizer, incapaz de realizar a união entre as massas e a organização. Isto exige a presença do partido no interior do país.

O MPLA defendia, na teoria, certas posições correctas, e na prática verificava-se que isto era para lançar "poeira aos olhos".

Partindo de uma análise científica da situação e da crise que atravessava o movimento de libertação em Angola, alguns nacionalistas, membros da UPA consideraram que era uma necessidade imperiosa criar uma organização política com base no seio das massas, facto que lhe permitiria desenvolver a ideologia proletária. A essa organização eles chamaram União Nacional para a Independência Total de Angola.

"O Salto"- Quais os objectivos

da UNITA?

"Para a UNITA o sistema colonialista tem a mesma natureza que o sistema capitalista. O colonialismo reproduziu na sociedade angolana relações sociais baseadas na exploração do homem pelo homem. Sendo assim, o objectivo da luta que a UNITA está a desenvolver é a conquista do poder pelos operários e camponeses. Para nós, a luta de libertação tem um carácter socialista, queremos dizer com isto, que trata-se de passar todos os meios de produção (fábricas e terras) às classes mais exploradas da sociedade que são os trabalhadores.

"O Salto"- Qual é a composição social da UNITA?

"A UNITA é um partido de massas. Organização que nasceu e continua a crescer no seio delas. Por isso a direcção, desde a sua criação em 1965, esteve nas mãos dos operários e camponeses, constituindo assim uma aliança das duas classes. É isto que explica, em parte, os sucessos da UNITA no seio das massas angolanas. Mas isto não exclui a necessária colaboração dos intelectuais que deram provas de estar ao serviço do povo.

Como disse o camarada de feliz memória Ho Chi Minh, a classe operária é a mais corajosa e a mais revolucionária, sempre pronta a fazer frente aos imperialistas e colonialistas.

Quanto aos camponeses, estes constituem 95% da nossa população e é a classe que hoje está na frente de batalha contra os colonialistas.



UNIAO NACIONAL PARA INDEPENDENCIA TOTAL DE ANGOLA

(NATIONAL UNION FOR TOTAL INDEPENDENCE OF ANGOLA)

U.N.I.T.A.

QUARTEL-GENERAL
(HEAD-QUARTERS)
TERRA LIVRE DE
ANGOLA
(FREE LAND OF ANGOLA)

Caros camaradas,

Por esta venho acusar a recepção da vossa ajuda que nos foi enviada pelo nosso camarada em Londres Jorge Sangumba. Como vêm esta carta é vos dirigida dumas das zonas sob o controle da F.A.L.A. que é o braço militar da UNITA.

A nossa luta além de ser uma luta para a libertação Nacional, é também duma ampla dimensão da luta de todos os Povos do Mundo inteiro que também pugnam pelos direitos das classes exploradas na Europa, África, América e Ásia. Assim a UNITA na sua luta de libertação de Angola tem sempre considerado a salvaguarda dos direitos do proletariado angolano em particular bem como de todo o proletariado em Portugal em especial e noutros países do mundo. Assim seguindo esta linha de luta, a UNITA em 21 de Setembro de 1970 após uma embuscada levada a efeito a uma coluna de tropas do regime de Caetano, capturou duas mulheres portuguesas da classe operária que vinham na mesma coluna. Porém estas foram salvas bem tratadas e protegidas até que foram entregues de livre vontade da UNITA a Cruz Vermelha Internacional que as colocou num avião para Lisboa segundo nosso pedido.

Neste conceito de ideias, a UNITA bem-deseja a oferta e cooperação positiva do proletariado e camponeses portugueses e seus intelectuais "revolucionários" para por uma vez para sempre a opressão e exploração do regime fascista em Portugal sobre o Povo português e as populações de Angola. A vossa ajuda de 160 francos foi bem-vinda pois uma cooperação entre o proletariado angolano e português acelerar a derruba do governo de Lisboa para o Povo português e angolano.

Acceptem as nossas melhores saudações fraternais e revolucionárias.

Viva o proletariado Angolano!
Viva o proletariado Português!
Abaixo o Caetanismo e Salazarismo!
Abaixo o colonialismo e a exploração do homem

para o homem!

Em nome do Bureau Politico e Comité Central da
da UNITA com base no interior de Angola,

Samuel P. Chitunda

(Secretario de Coordenação)



Terra Livre de
Angola, Março 28, 1971



Após a sessão comemorativa do 10º aniversário da UNITA, o CDCP recebeu esta mensagem calorosa do interior de Angola. Responde saudando os heróicos combatentes das Forças Armadas de Libertação de Angola e a UNITA.

"O Salto"- Como estão organizadas as zonas libertadas?

"Nas zonas libertadas, a situação é caracterizada por um trabalho de mobilização das massas trabalhadoras.

Pela sua experiência de luta armada no seio das massas a UNITA conhece grandes sucessos. Nos distritos de Moxico, Cuanda-Cuabango, Bié, Luso, Huila, o poder está nas mãos dos trabalhadores. As zonas libertadas estão divididas em 12 zonas, cada zona com 25 comandos (grupos de combatentes) e depois em 12 sub-zonas, cada uma delas com 15 comandos. Nas sub-zonas existem comités de aldeia, cada uma com um comissário regional escolhido pela população. Assim, estes comités são nas zonas libertadas, a base da Democracia Popular. Os Comissários Regionais têm responsabilidade na organização da via social de cada dia.

Os comissários Políticos e Regionais discutem com a população assuntos que dizem respeito à organização da nossa vida colectiva. Isto é: desenvolvimento da produção, melhoria das técnicas agrícolas tradicionais (utilização de estrumes, baldios, abertura de escolas, hospitais de emergência e outros serviços sanitários).

Em muitas destas zonas, chamadas "Terras do Fim Mundo" pelos colonialistas, introduziu-se pela primeira vez a vacinação em massa contra a febre amarela. O ensino é levado a efeito de modo a inculcar à juventude, desde a mais tenra idade, uma ideologia revolucionária que eduque o povo. Entre outras disciplinas ensina-se a História de Angola, a História pré-colonial, a Geografia de Angola, etc...

Os adultos são alfabetizados, ao mesmo tempo que lhes é ensinada a História dos outros povos que lutam contra o colonialismo e o imperialismo, como a República Popular da China, a Albânia, a República Democrática do Vietnam do Norte, a Coreia do Norte e a heróica luta dos povos da Indochina. Por outro lado, os adultos ensinam aos mais velhos a nossa verdadeira História. Existem, ainda, muitos quadros formados pelos colonialistas (professores, enfermeiros, intelectuais) que aderem ao Movimento de Libertação e assim dão uma grande contribuição a este.

"O Salto"- Como está dividida a propriedade nas zonas libertadas?

"A divisão da propriedade é baseada na que existia antes da exploração colonial e da divisão social do trabalho. Quero dizer que existe em cada aldeia uma propriedade colectiva, que é trabalhada por todos e os bens são distribuídos por todos.

"O Salto"- Que tipo de guerra trava a UNITA?

"A guerra levada a efeito pela UNITA é uma guerra popular, porque a tomada do poder é um problema do povo. São as massas trabalhadoras que têm interesse em conquistar o poder através de uma Guerra Popular prolongada, à qual são chamados a participar os intelectuais angolanos e outras camadas revolucionárias: Por isso todo o povo participa efectivamente nesta luta.

"O Salto"- Como está organizado o povo para essa luta?

"O trabalho de organização, constitui uma das tarefas mais importantes do partido, porque sem organização a vitória não é possível. Assim, existem em cada al-

CORREIO DO LEITOR

UM REGIME POLÍTICO DE PALHA QUE FABRICA HERÓIS DE VENTO

"O Salto" publica neste seu número uma carta que lhe foi enviada por um operário da banlieu de Paris. Parece-nos que a carta, que transcrevemos integralmente, pode originar uma certa discussão. Por isso, "O Salto" pede a todas as pessoas que nos escrevam e deem a sua opinião sobre o assunto. Que o "Correio do Leitor" se torne uma secção polémica, é isso que desejamos.

Marcelo Caetano, desde que subiu ao palco da história como uma das principais figuras da cena política portuguesa, soube rodear-se dos maiores cuidados — para não espantar a caça miuda — e tal como uma bruxa antes de começar a sessão de feitiço (passe o termo) trouxe consigo a tão decantada bola mágica — apanágio de todos os bons lacaios do Capital — cheia de promessas, segredos e ilusões; qual mágico predestinado para a

gnifica a renovação dos acordos e contratos com as potências imperialistas para uma entrega cada vez mais vasta, profunda e descarada do território português, entrega dos meios de produção e das riquezas naturais da economia nacional roubada ao povo trabalhador, arrancada a este à custa de sangue, suor e lágrimas, à custa da miséria e sofrimento de milhões de deserdados como consequência da política de força, de violências e de rapina imperialista desenfreada; continuidade; no exodo de operários industriais, assalariados agrícolas e camponeses pobres arruinados, marchando a caminho da emigração diariamente às dezenas ou centenas como um rebanho de estropeados que fogem dos espectros da fome, da ruína e da guerra, abandonando os seus haveres, famílias e amigos, e a terra que os viu nascer.

A política de Marcelo Caetano

tugueses, é no fim de contas a política lógica de todas as classes exploradoras das quais ele é fiel laçao contra as classes exploradas.

"Renovação na continuidade" é ainda a continuação na mobilização de novas vidas para serem levados pela força da astúcia traiçoeira para o massacre da guerra perdida, é a destruição do sangue e da carne do próprio povo português, na sua maioria filhos dos trabalhadores da cidade e do campo, destruição sistemática e sanguinária perpetuada pelos governantes que obrigam a nossa juventude a ir matar os seus próprios irmãos, filhos também da opressão e da miséria em Angola, Guiné e Moçambique. Verdadeiros donos das colónias — exigindo pela força brutalizada que a nossa juventude defenda as roças, minas e outras riquezas naturais da África, que eles, os imperialistas e os colonialistas portugueses roubaram ao povo negro. Eles são os mesmos ladrões e os mesmos assassinos, portanto, do próprio povo português.

"Renovação na continuidade" é a continuação no aumento do número de mortos, de viúvas e de órfãos, o desfilar de mais cortejos fúnebres através das cidades e aldeias de Portugal, mais luto, mais mais discursos macabros com cínicas medalhas aos vivos e aos mortos fabricando heróis de palha e de vento, com cínicos discursos de chauvinismo e recepções pelos ministros escolhidos e ao serviço dos inimigos do povo, embebedando a cabeça dos soldados desprevenidos.

Absolutamente obra de feras imperialistas, capitalistas, colonialistas, obra da burguesia, obra de bichos!

Curioso — e é exactamente este bando de escrementos humanos, citados atrás, lobos e chacais, devoradores de vidas humanas, que se intitulam a si próprios de fiéis continuadores e defensores da civilização cristã no ocidente, e de precursores da mesma civilização em África.

Livra!... se a civilização cristã é isto, então certamente que é preferível mil vezes ser selvagem e pedir ao diabo para que este guarde mesmo que seja o pior cantinho do inferno, pois que certamente no inferno sempre haverá mais civilização do que no seio desta bárbara e diabólica civilização cristã. Pelo menos não se constata que os partidários do diabo cometam monstruosidades e barbarismos idênticas aos de estes civilizadores de faca no bolso, de tanques, canhões e aviões de guerra.

E chamam eles aos outros, terroristas!..

Enfim, "renovação na continuidade", como se disse no princípio deste escrito, não traz nada de novo que não seja conhecido já na nossa própria carne. Para os soldados e marinheiros "renovação na continuidade" significa ainda — ou vais para a guerra, ou foges para o exílio no estrangeiro, ou vais para a prisão — ou crês ou morres, não tens outra saída —. Como é evidente só resta às infelizes mães, pais, filhos ou irmãs, continuarem a derramar mais lágrimas de saudade e sofrimento, pedindo que ao menos, a sorte os mantenha vivos.

Vimos assim em traços mais ou menos resumidos, o que significa para os trabalhadores portugueses a "renovação na continuidade" do Marcelo lacaio, e dos seus patrões imperialistas e colonialistas.

Toda esta situação, espelho de miséria e escravidão assalariada,

(Continua na pág. 6)

O SALTO ENTREVISTA UM PATRIOTA ANGOLANO DA U.N.I.T.A.

(Continuação da pág. 3)

deia milícias populares que são grupos móveis da juventude angolana e cujo papel é defender a aldeia, advertindo os camaradas que o inimigo colonial está a chegar ou se encontra em tal ponto. Esta tarefa exige uma educação intensa. Por outro lado, os comandos têm uma dupla tarefa: a principal é a acção militar; a outra é a participação à lavra dos campos em cada aldeia onde passam, ligando-se, assim, estreitamente às massas populares. Estão nelas "Como peixe na água".

"O Salto" — Desde 1961, data do início da luta armada, os colonialistas criaram a "psico-social" que tem por fim desviar o povo angolano da guerra popular. Como é que a UNITA combate a influência desta?

— "Não sei se o camarada sabe, mas os colonialistas dizem nas aldeias, que as pessoas que não são de lá são terroristas, que os querem matar, roubar o gado, etc. A "psico-social" diz ainda que a população da aldeia deve entregar os combatentes ao chefe de posto, agente criminoso dos colonialistas. Ora, combater a influência da "psico-social" é um trabalho muito delicado e difícil que exige, antes de mais nada, uma forte preparação dos quadros. Estes em seguida, para melhor combater a "psico-social" são enviados, pelas razões acima indicadas, para as suas aldeias natais.

"O Salto" — Podia-nos a UNITA dar uma ideia sobre as lutas que se travam nas cidades?

— "O trabalho de ligação entre o campo e a cidade constitui uma das tarefas actuais da UNITA: a transformação da guerra de campo em guerra urbana. Este trabalho consiste na mobilização da classe operária, que hoje em dia é muito jovem e numericamente muito reduzida. As dificuldades deste trabalho é que as massas proletárias têm que enfrentar mais directamente a repressão da PIDE; assim, no Luso, foram presos militantes da UNITA em 1970. Mas este problema apresenta um aspecto que facilita a tarefa. É que os operários angolanos são nómadas, voltando muitas vezes ao campo onde aliás vieram. E este vai e vem entre o campo e a cidade permite ao partido mobilizar e educar os que já existem nas aldeias.

"O Salto" — Como são tratados pela UNITA os soldados portugueses, feitos prisioneiros?

— Esta questão, camarada, devia ser posta aos prisioneiros que já foram entregues à Cruz Vermelha Internacional e que já chegaram a Lisboa, são e salvos, em Janeiro passado. Contudo posso precisar que há duas categorias de prisioneiros de guerra:

1º — Aqueles que se sentem arrependidos de participar numa guerra criminosa. Tais prisioneiros são libertados e postos no país onde eles desejam.

2º — Os que ainda não compreenderam o que é o colonialismo e a guerra, a UNITA faz um trabalho de educação antes de os deixar partir.

"O Salto" — Sessões como a de hoje, servem para estreitar os laços entre o povo angolano e o povo português. Como é que o camarada vê a continuação deste trabalho?

— "Realizações como estas devem repetir-se muitas vezes. Elas permitem dar a conhecer a verdade sobre a Luta de Libertação em África às massas exploradas de Portugal e vice-versa. Isto desenvolverá a solidariedade combatente entre os trabalhadores de Angola e Portugal na luta contra o inimigo comum, a burguesia portuguesa.



Renovação na continuidade

arte de enganar os outros, (queríamos dizer, governar os outros).

E eis que de entre as suas tão famosas descobertas tais como as tão faladas conversas em família e outras mercadorias da mesma espécie, salta da bolinha mágica o miraculoso ingrediente baptizado com o nome de "renovação na continuidade" — como definição do regime — com que eles nos martelam a cabeça nos discursos, e na propaganda política através da rádio, imprensa e televisão.

Esta novidade, no entanto, não é nenhuma descoberta nova, antes pelo contrário. Ela é, no presente a continuação do passado como veremos mais adiante.

Se a bruxa caetanista conseguiu e ainda consegue enganar alguns desprevenidos, a verdade é que já não engana todos.

Também os papagaios do Terreiro do Paço, obedecendo às ordens do seu mestre, Marcelo Caetano, e este às ordens do imperialismo internacional (como bom cão amestrado que é) especialmente às ordens do imperialismo norte-americano (assim o demonstrou a criminosa agressão contra a República da Guiné-Conakry) exibem todos eles com frequência a célebre mézinha do mestre: "renovação na continuidade".

Inovação sábia, sem dúvida, de um dos maiores oportunistas da nossa história, traidor dos interesses dos trabalhadores portugueses e da independência nacional, que desde muito jovem e muito facilmente se esqueceu da sua origem de classe.

"Renovação na continuidade" tem no entanto e na realidade um conteúdo de classe bem preciso que define muito bem não só na teoria mas de facto na prática, os intentos do seu criador.

Estes intentos quais são? Respondem com factos, os vivos e os mortos!..

"Renovação na continuidade" si-

ou a "renovação na continuidade" e a política de traição da grande burguesia portuguesa contra o povo português, é a entrega de milhares de trabalhadores para as garras dos seus próprios assassinos, dos seus próprios inimigos, para as garras dos imperialistas. São estes que pilham os bens e as riquezas produzidas pelos trabalhadores em Portugal. São também eles que na emigração, acabam por nos roubar o pouco que já nos resta, ou seja a nossa força de trabalho e a vida, pagando-nos salários de miséria em relação ao custo de vida, obrigando-nos a trabalhar nove, dez e por vezes mais horas de trabalho por dia, diminuindo o pessoal dentro das empresas e impondo-nos um aumento cada vez maior e mais rápido das cadências de trabalho, para aumentar a produção e spiciar assim a ganância dos patrões.

A par disto, uma grande maioria de emigrantes de todas as nacionalidades são forçados a viver em barracas de latas velhas e trapos a comerem carnes, peixes, frutas e legumes em quantidade reduzida, de qualidade inferior, da pior e mais barata, para poderem fazer algumas economias.

A "renovação na continuidade" ou o frasco de tabú saído da bola mágica que é a cabeça de Marcelo Caetano e dos seus patrões imperialistas burgueses, é uma afronta aos interesses de classe dos verdadeiros e mais consequentes por-

AMIGO LEITOR

Esta é a tua secção. Escreve para "O Salto", conta-nos os problemas do dia a dia do teu trabalho, critica aquilo que não te parece bem no jornal para que possamos melhorar cada vez mais.

Se costumares fazer poemas, se costumares escrever, envia os teus trabalhos para o nosso jornal. Todos nós somos capazes de passar para o papel aquilo que sentimos.

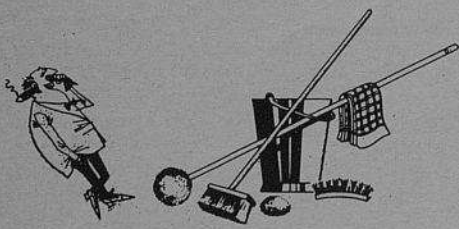
COLABORA COM "O SALTO":

B.P. 95 - PARIS 11

assinatura « O SALTO »

Dirigindo-te aos Clubes indicados na pag. 8, nas permanências indicadas na pag. 1 ou escrevendo directamente para "O Salto", B.P. 95, Paris 11.

A VASSOURA E O LIXO



O RIACHO DO MAR MORTO

Há muito tempo que o riacho se vazava em correntes sobre um mar que ia desaparecendo, apesar de todas as euxurradas do riacho. Era um mar moribundo, hoje um mar morto.

Animado dum servilismo impar, às tradições e às lendas dos mares, matreiro que nem rato, era vê-lo ora avançando quando podia, ora fingindo que retirava quando as condições lhe não eram favoráveis.

E assim vai passando o riacho, já vários anos a caminho da Casa Portuguesa. Quantas vezes "pobrezinho" vindo directamente do trabalho para esse mar morto, pensando talvez que ele possa ser chuva de salvação.

E, se não é chuva, é vento ou (será poeira); o que é certo é que ele rega mais que um jardineiro.

Talvez alguns dos leitores lhe tenha ouvido dizer acerca da antigo consul de Amsterdão que era um bom rapaz mas muito explorador, que não estava certa a maneira como tratava dos assuntos dos emigrantes, etc...

Quem o tivesse ouvido assim falar cairia agora a rir ao vê-lo agarrado ao micro da casa Portuguesa dando graças ao "nosso" consul de Roterdão. A esse consul, que toda a gente sabe que leva 2 meses para renovar um passaporte ou fl. 130, quem o quiser urgente.

Mas por este riacho têm corrido águas bastante turvas. Nós conhecemos um pouco a história do seu passado em Portugal. E embora a não vamos descrever, pois o papel custa dinheiro, queremos no entanto chamar a atenção que o seu passado é muito confuso e deixa-nos dúvidas quanto ao seu presente. O homem não é de confiança!

As vezes diz que também não concorda com algumas coisas que se fazem lá em baixo. Mas nunca disse com quais concorda e com quais não concorda.

outro defeito do riacho é ser cego

O riacho nunca viu que a casa Portuguesa nada fez em benefício dos Portugueses emigrados na Holanda. Nunca se lembrou que o senhor Camozi meteu nos cofres da Casa Portuguesa mais de fl. 1000 dos cursos de 1968, dinheiro que os Portugueses nunca mais viram. E afirmamos que os Portugueses nunca mais viram esse dinheiro, porque a partir daí os preços das bebidas até aumentaram na Casa Portuguesa. Os aperitivos com que os senhores caritativos de bom coração, procuravam adoçar à boca aos Portugueses nas festas, diminuíram. Os preços dos cursos aumentaram. Em 1968 os cursos custaram fl. 35 por ano e este ano, o senhor Camozi pedia fl.70 pelo curso. Temos provas disso.

O riacho também nunca viu que a Casa Portuguesa se recusava a prestar qualquer auxílio aos refugiados. Também não vê agora que na Casa Portuguesa se cobram, por preencher os papéis do Belasting (imposto), fl. 15.

Enfim, seria imenso o relatório se fossemos fazer um inventário completo. Mas isto chega para mostrar quem é o riacho e a quem serve o riacho!

Já era tempo de ganhar juízo, senhor riacho! Não serão esses risos acolhedores, nem esse dom de bem servir que o irão salvar. Deixe-se de trapalhices e de asneiras a não procure salvar quem está irremediavelmente perdido!

O após-guerra

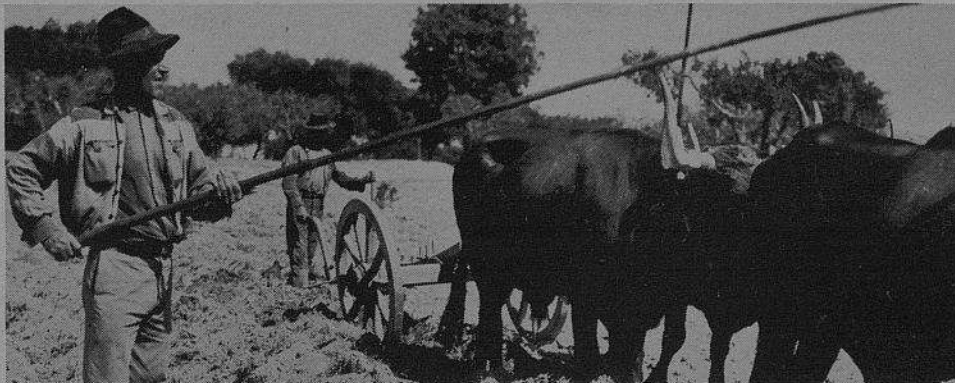
A segunda guerra mundial veio mostrar aos capitalistas portugueses e seus defensores, que Portugal podia e devia seguir o caminho da industrialização.

Os países que tinham entrado directamente na guerra, vêem-se envolvidos em grandes dificuldades para satisfazer os seus mercados internos. A procura dos diversos bens cresce muito mais rapidamente do que a sua oferta.

Portugal não só encontra dificuldades em conseguir no estrangeiro os produtos que necessita de importar, como vê abertas as perspectivas de colocação no mercado externo dos produtos da sua indústria!

As actividades industriais prometiam volumosos lucros. E o capitalista não tem mitos. O seu mito é o lucro!

É então que surge em Portugal a chamada doutrina "industrialista" da autoria do engenheiro Fer-



Os camponeses pobres, sujeitos à exploração, emigram

reira Dias, a qual defende a industrialização de Portugal. Oposta a esta, a corrente dos latifundiários e ultra-reaccionários via a industrialização como um perigo para o seu futuro. A pouco e pouco porém, a doutrina de Ferreira Dias vai conquistando adeptos e ganhando terreno.

Já entra em 1945-1950 vemos o governo envolvido no lançamento das infra-estruturas (ou seja, das condições básicas) que vão permitir a futura industrialização do país; é o período do lançamento da produção da energia eléctrica, do desenvolvimento dos transportes e outras indústrias de base.

No entanto até 1950, o panorama era ainda bastante sombrio no que respeita ao futuro da industrialização. E é a partir desse mo-

A EMIGRAÇÃO -2

mento sobretudo, que a doutrina de Ferreira Dias se impõe; assistimos no período de 1950-1960 ao levantamento das duas grandes zonas industriais do País: Lisboa e Porto. É à volta destas duas cidades, que se vão concentrar milhares de trabalhadores, que deixam as suas aldeias à procura de pão!

A situação da população agrícola em 1950

Como sabemos, a grande maioria da população que vive na província, depende da agricultura. Em 1950 trabalhavam nesta actividade e na exploração florestal 1413000 portugueses o que representava um pouco mais de 47% da população activa. Viviam dependentes do rendimento da agricultura 3.204.000 o que representava 40,8% da população total.

O rendimento agrícola foi em

1950 de 10.517.854 contos o que dava uma média de 3.280\$00 por pessoa e por ano.

Da população activa agrícola 10% eram patrões, 30% independentes (trabalhavam por conta própria) e os restantes 60% eram assalariados. Entrando em linha de conta com os factores apresentados e recordando a exploração que é feita pelos patrões aos assalariados, não é difícil ter uma ideia da situação de miséria em que vivia grande parte da população portuguesa. E isto não quer dizer, é claro, que a miséria existisse apenas no campo. Sabemos que em Portugal ela se estende a todos aqueles que têm de pôr a força do seu trabalho ao serviço dos patrões. O que queremos mostrar é que, perante tal situação, e tendo em conta as novas perspectivas

de emprego que se abriam em Lisboa e Porto, não podia deixar de verificar-se uma deslocação em massa da população do campo para as zonas das cidades.

As deslocações para as zonas industriais

Duma maneira geral, podemos dividir esta deslocação em duas fases principais:

A primeira verifica-se nas crianças entre 12 e 15 anos. É conhecido de quase todos os leitores o facto de que a maioria das crianças das famílias pobres, após terminarem o ensino primário querem partir para Lisboa ou para o Porto, e esta era, aliás, muitas das vezes, a única razão para fazerem o ensino primário. Muitos deixavam os pais aos 12 e 13 anos de idade para vergar a espinha debaixo do cesto do merceiro, do padreiro, do leiteiro e, quantas vezes, debaixo do balde de servente de pedreiro. A vida era dura, mas era a única saída para fugir a morrer na mesma aldeia em que se nasceu, empunhando uma enxada sem melhores perspectivas para o futuro.

A segunda fase verifica-se depois do serviço militar. Os jovens que cumprem o serviço militar raramente regressam às suas aldeias. Uma vez desmobilizados procuram empregar-se nas fábricas, na construção civil, etc...

Não deixa de ter também importância a deslocação de famílias, mas os dois casos atrás referidos são os mais importantes.

(Continua no próximo número)

NANTES UM AMIGO DOS EXPLORADORES

Existe em Nantes um indivíduo que se diz agente da Pide e que publica um jornal intitulado "O Patriota". Pois este sujeito especializou-se na denuncia. Se, por acaso, há um trabalhador português que não lhe agrada, denuncia-o imediatamente a polícia, arranjando sempre um pretexto para o fazer. Ao mesmo tempo preenchia documentos em francês aos trabalhadores que necessitavam mas como não podia deixar de ser, pagava-se bem.

Pois parece que, ultimamente, até a própria polícia francesa não acredita nas histórias do António Loulé (assim se chama). Este começou então a publicar o seu jornal "O Patriota".

O que é "O Patriota"? É um jornal onde se defende os nossos exploradores, os patrões, onde a criminosa guerra que os senhores do capital levam a cabo nas colónias contra os homens explorados como nós é elogiada como patriótica, onde nós, trabalhadores emigrados, somos ofendidos e espezinhados os nossos interesses.

Quem paga "O Patriota"? Certamente o consulado português, que também enche os bolsos a custa do nosso trabalho.

Facto interessante: o António Loulé, que espalha entre os trabalhadores que devemos lutar contra os explorados de Angola, Guiné e Moçambique e portanto, fazer o serviço militar, não se atreve a ir até lá. Ele lá sabe o que lhe poderia acontecer...

António Sardinha

NADA NOS OBRIGA...

(Continuação da pág. 1)

as. Até lá não nos deixemos levar pelos boatos. Não digamos:

"Parta pois quanto antes!"

mas sim:

"Obrigados, nunca somos!"

Pedimos a todo o leitor que conheça dados sobre este assunto ou que seja vítima de abuso ou pressão fascista (receba convocatórias, etc.) que escreva para:

Secção Social

Jornal "O SALTO"

B.P. 95 - PARIS 11

A redacção de "O Salto"

UM TRABALHADOR PREVENIDO VALE POR DOIS APROXIMAM-SE AS FÉRIAS

Esta altura do ano é, por assim dizer, a altura das férias. Depois de um intenso trabalho, de canseiras e de exploração, sabe-nos bem tirarmos umas férias, embora curtas.

Não foi sem sofrimento e luta que a classe operária e os trabalhadores conseguiram um espaço do ano para descansar: tal como a conquista das 8h de trabalho se fez pela luta de todos, também as férias foram conseguidas desse modo.

Sempre assim foi: para ter os mais elementares direitos, os trabalhadores sempre tiveram de lutar.

Hoje existem uma série de leis que devemos conhecer sobre os direitos que temos em relação às férias.

Publicamos pois, as principais disposições que existem para que os trabalhadores as conheçam:

Foi aprovado na Assembleia Nacional, em 2 de Maio de 1968, que todo o trabalhador tem direito a 4 semanas de férias pagas.

Por cada mês de actividade contam-se 2 dias de férias.

Se marido e mulher trabalham na mesma fábrica ou empresa, têm direito às férias pagas ao mesmo tempo.

Para determinarmos as férias pagas a que se tem direito num ano conta-se a partir do primeiro de Junho do ano anterior até ao 31 de Maio do ano em que se está.

Contam para as férias pagas

Tempo de trabalho normal à razão de dois dias por mês.

Tempo de repouso de maternidade (6 semanas antes do parto e 8 semanas depois)

Tempo em que se esteve em acidente de trabalho ou de trajecto, desde que não ultrapasse um ano.

As recaídas de acidente ou doença profissional, desde que sejam no mesmo patrão.

Tempo de doença profissional, desde que não ultrapasse um ano.

As férias pagas devem gozar-se entre o 1º de Maio e o 31 de Outubro.

Na Indústria e no Comércio, as férias são pagas pelo patrão.

Na Construção Civil e nos trabalhos públicos, as férias são pagas por uma Caixa de "Congé".

Se um trabalhador da Construção Civil ou Trabalhos Públicos tiver mais que um patrão no período de 1 de Abril a 31 de Março do ano seguinte, deve enviar todos os certificados azuis à "Caixa de Congés" em fins de Março. O Congé está sujeito aos descontos normais da salário mensal: Segurança Social, Reforma, etc.

Os trabalhadores da Construção Civil que fizeram mais de 1.800 h no período de 1 de Abril a 31 de Março, têm direito a uma prima de 20% sobre o total do "Congé" (as horas de tempo de doença e de acidente de trabalho contam para as 1.800 horas).

As 4 semanas de férias aplicam-se também às empregadas domésticas, mulheres de limpeza e trabalhadores agrícolas.

Quem não trabalhar durante todo o ano, tem direito a dois dias pagos por cada mês de trabalho.

REPORTAGEM NA PRISÃO-ESCOLA...

(Continuação da pág.1)

direito a um nome. Somos chamados e conhecidos pelo número que nos dão.

—Como vieste para a prisão escola?

— Vim numa carrinha fechada, que é conhecida por "Ramona".

—E porquê?

—Por roubar uma bicicleta... bem, também já tinha feito outras coisas.

—Como, por exemplo?

—Assaltado um café.

—Qual foi a tua condenação, por isso?

—Dezanove meses e meio.

—E há quanto tempo já estas aqui?

—Seis meses.

—Faltam-te, pois, treze meses e meio para saíres?

—Não. Pelo mínimo faltam-me cinco e pelo máximo nove anos.

Fiquei espantado e pedi-lhe uma explicação.

—Segundo o regime que foi imposto pelo Supremo Tribunal de Lisboa, nesta prisão só seremos postos em liberdade quando tivermos aprendido um ofício.

—Então, que fazes agora?

—Trabalho no campo. Não é esta a minha profissão, mas todo aquele que vier, não vai para as oficinas sem trabalhar uns meses no campo.

—Explica isso melhor.

—Bom, para se entrar numa oficina é preciso preencher um boletim, esperar que haja vagas e que chegue a nossa vez. Ora acontece que chegamos a esperar meses. Assim, quando vamos para uma oficina, ou já temos a "pena" terminada ou falta relativamente pouco. A partir daqui ficamos dependentes do Tribunal de Execução de Penas de Lisboa, que nos pode reter na Prisão-Escola até aos 21 ou 25 anos.

Enquanto tomava conhecimento do ambiente que me rodeava, preparava mentalmente uma série de perguntas. Até agora pouco ou nada me tinham dado a conhecer e eu pretendia saber quem se destinava o produto do trabalho, quais as relações entre os reclusos e os guardas, se tinham biblioteca, recreio, se usavam sobre eles repressão e como se alimentavam. Lembra-me agora que o director me havia dito que ali dentro eram todos uma família. Faltava-me ouvir da boca dos rapazes a confirmação dessas palavras.

—Uma família? Não. Não pode haver um ambiente familiar, quando membros dessa dita família guardam outros com pistolas e os obrigam a trabalhar como animais e como escravos.

—Vocês trabalham nos campos ou nas oficinas ou na cerâmica. A quem se destina ou para onde vai o produto do vosso trabalho?

—Devia ser para nós, devia. Mas tal não acontece. A cerâmica produz milhares, talvez milhões de tijolos por ano. As oficinas fazem sair móveis, sapatos, obras em ferro, impressos tipográficos. O campo dá trigo, vinho, batatas, azeitona, fruta e milho. As vacas dão leite, os pinheiros dão madeira, mató, lenha e resina. A quem se destina tudo isto, pergunta você? Ao director que ganha contos de réis por mês, mora numa casa gratuita e tem bolsas de estudo para os filhos. Aos guardas e perceptores que moram em bairros construídos com o suor dos reclusos, aos comerciantes que negociam o produto quase dado, contendo as energias de 200 jovens, moralmente apodrecendo numa Prisão.

—Mas a vocês não toca nada?

—Ah, sim. Vinte e dois tostões por cada dia de trabalho, batatas ao almoço e arroz ao jantar. Ameaças e castigos.

—O que é preciso para vocês serem castigados?

—Pouco, somente que estejamos em desacordo com o regime da Prisão.

—Como vos castigam?

—Isolam-nos em celas durante dias, batem-nos forte se persistirmos na nossa.

Ele já me tinha falado na alimentação. E como se depreende, era fraca. Quem come batatas, feijão e arroz desde o 1º de Dezembro com certeza que não pode gozar de uma excelente saúde. Mas tinha-se referido às "celas". Quanto a mim imaginava que eles dormissem em camaratas e por isso perguntei.

—Não, não dormimos em camaratas. Cada qual tem uma cela, que pouco maior é que uma casa de banho. Na cela permanecemos, em rigoroso silêncio, todas as horas que não sejam destinadas ao trabalho.

—Nela o que fazem?

—Fumamos, lemos e dormimos.

Tinha chegado o momento de perguntar pela biblioteca. Mas já me estava a intrigar aquela permanência na cela durante tantas horas. Eles só trabalhavam 8 horas por dia, estariam as restantes 16 horas encerrados nas celas, sem um recreio, uma distração? Mais uma vez revelei a minha curiosidade e a resposta veio espontânea:

—Sim, permanecemos nas celas todas essas horas, exceptuando os domingos, em que temos uma hora de missa e 3 horas de recreio. No recreio ouvimos o relato e jogamos à bola. E já agora quero-lhe dizer uma coisa sobre a Igreja. Onde é actualmente a Igreja, foi em tempos a sala de teatro da prisão. Mas porque era mais importante ouvir o padre do que ver um bom espectáculo, acabou-se com a sala de teatro e fez-se dela uma igreja.

—Perguntei, enfim pela biblioteca:

—Com cerca de 2000 livros; ela não é aquilo que se podia desejar. A maioria dos volumes, ou são religiosos ou são romances. E os bons livros que existem estão interditos aos reclusos, fazem parte duma secção que lhe chamam a biblioteca dos funcionários.

Faltava-me saber qual a orientação que o Director e os Preceptores davam aos internados.

—Creio que já lhe expliquei isso, mas vou pormenorizar mais a coisa. Quando nós entramos, somos ouvidos por um preceptor. Ele faz-nos uma espécie de inquérito psicológico. Recebemos um número e deixamos o António para passarmos a ser o 255, por exemplo. Depois disso vamos trabalhar. Desde então, se nós não nos dirigimos a eles (ao director e aos preceptores) nunca eles vêm ter conosco, excepto quando estamos acabando a condenação e vamos levar mais 3 anos de prorrogação. Aí eles vêm ter conosco para nos acalmarem, não suceda que nos ponhamos em fuga.

—É fácil fugir?

—Os guardas atiram a matar, mas quando o factor sorte nos favorece, as fugas resultam num êxito.

—Já cá mataram algum?

—Sim. Nestes sete meses que tenho de Prisão-Escola já foram mortos alguns camaradas.

Vi-me embora; deixava para trás um mundo estranho, desconhecido da maior parte de nós. Passei pelos pavilhões celulares, de aspecto sombrio: as janelas das celas, além das grades, tinham vidros foscos, de tal modo que do lado de dentro nada se via cá para fora. As oficinas e a cerâmica formavam um bloco e davam ao ambiente um aspecto de zona industrial. O campo de futebol, que fora feito pelos reclusos tinha o nome do Dr. Fulano tal. O palácio onde reside o director, tem uma grande varanda e um jardim com baloiços, um lago e meia dúzia de bancos à sombra de belas ramadas de árvores. O sítio onde ainda há pouco tempo os rapazes podiam assistir a espectáculos de cinema ou teatro, tinha sido transformado numa igreja.

Sai dali indisposto; sentia que sózinho nada podia fazer por aqueles rapazes. Estava certo, contudo, de uma coisa: eles eram um fruto da sociedade em que vivemos, mas ainda um dia serão livres.

Cunha Bastos

MESA REDONDA...

(Continuação da pag.8)

quando operários e camponeses emigram para o estrangeiro começa aí o princípio da sua união, é porque o problema é o mesmo de todos. E por causa da exploração que sofreram, é por verem as suas condições de vida piorarem cada vez mais que têm de emigrar para França.

—Nós temos de mostrar isso cada vez melhor, para que os trabalhadores emigrados compreendam a necessidade de se unirem cada vez mais, e de andarem para a frente.

"O Salto"—Ora então, parece que vocês procuraram não apenas explicar porque é que existe a emigração, mas também a necessidade de união dos operários e camponeses. Não é isso?

—Exactamente.

"O Salto"—Enquanto vocês estavam a fazer a peça não encontraram pessoas que tentaram impedir que a peça fosse avante?

—Sim, isso é uma verdade. Havia uma pessoa que não estava de acordo com a peça "O Emigrante".

"O Salto"—Quem era essa pessoa?

—O Moisés. A partir de determinada altura, começámos a ver que ele era um grande tralfulha e fômo-lo expulsando pouco a pouco. Quando ele se apercebeu que não o queríamos no clube, começou a querer impedir por todos os meios, o nosso trabalho. O maior choque que ele teve, foi ver que nós estávamos dispostos a ir sózinhos e fazer, custasse o que custasse, a peça "O Emigrante". Procurou desiludir-nos dizendo que a peça era muito difícil, que nós não tínhamos capacidade para a fazer...

"O Salto"—Ele explicava porque é que vocês não tinham capacidade?

—Não; quando lhe perguntávamos dava sempre uma desculpa. É claro que temos capacidade como qualquer pessoa. O que ele queria é que não fôssemos para a frente com o trabalho.

"O Salto"—Foi o Moisés o único caso, ou houve mais alguém que impedisse que a peça se fizesse?

—Houve mais um caso de dois moços que apareceram no clube e que não queriam que a peça se fizesse. Mas o mais importante foi o do Moisés.

"O Salto"—Sabemos que estapeça já é qualquer coisa de importante. Muitos actores (cerca de 16), hora e meia de duração, etc. Sendo vocês trabalhadores e não tendo, portanto, muito tempo livre, como é que ensaiaram a peça?

—Começámos por 2 sessões para discutir a peça. Discutimos a guerra colonial, os problemas da emigração. É isso hoje que nós mostramos no palco. Assentámos em conclusões comuns, definimos a nossa opinião.

"O Salto"—Qual a opinião do encarregado do grupo de teatro sobre a preparação da peça "O Emigrante", uma vez que vai ser representada no dia 29 em Nantes e qual vai ser o seu futuro?

—Acho que a preparação é boa; estamos a fazer o nosso esforço máximo. Claro que este trabalho já é uma peça de teatro grande, que demora o seu tempo a preparar. Se não sair muito bem à primeira vez, com a prática, isto é, continuando a aperfeiçoar-nos, tudo vai melhor.

Vejo muitas boas perspectivas para o futuro da peça e do grupo de teatro. Temos grande vontade de melhorar e de trabalhar cada vez mais e melhor.

UM REGIME...

(Continuação da pag.4)

é tudo quanto resta aos escravos do capital dentro dos países capitalistas.

Esta é naturalmente a mesma sorte dos trabalhadores portugueses emigrados; nada mudará sem que estes tomem nas suas próprias mãos os seus destinos e conquistem a independência, liberdade, a terra, o trabalho, o pão e a paz!

Banlieue de Paris, Março de 1971
Um operário leitor
de "O Salto"

"OS CANCEROSOS"

Para melhor levar a cabo a sua exploração a burguesia usa muitas vezes slogans "humanitários": são exemplo disso os jogos de futebol promovidos por associações "patrióticas" que sob a capa de "receitas para a luta contra o cancro, etc..." conseguem elevados lucros. O Movimento Nacional Feminino conjuntamente com a Cruz Vermelha Portuguesa e outras organizações ligadas ao grande capital organizam frequentemente peditórios públicos, etc... cujas receitas são destinadas à manutenção da guerra e aparelho de opressão popular como a Pide, GNR e outras. Esses "peditórios" têm sempre a capa de "humanismo": umas vezes são "a luta contra o cancro" outras vezes a "doença" é a tuberculose.

Vejamos o que nos diz um colaborador amigo:

Também fui a Colômbia no dia do Benfica-Sporting, não para ver o jogo mas para apreciar. É que às vezes ouvem-se coisas engraçadas e que na realidade são bastantes tristes, pois traquem toda a ignorância a que nos portugueses, fomos e continuamos a ser submetidos.

Um compatriota, dos seus 25-28 anos, acerçou-se de mim e perguntou-me se não tinha um bilhete para o futebol, que me pagaria 20 francos em vez dos 13 que o bilhete custava. (Havia bilhetes a 9, 13, 20, 25, 30, 35, 40 Fr.).

Expliquei-lhe que não me encontrava ali para ver o futebol e tentei fazer-lhe compreender toda a mafia que estava por trás daqueles futebolis e para se deixar ir na fita de pagar o bilhete mais que o que ele custava (e que já não era pouco!)

—É que eu sou do Benfica, sou desportista.

—Ah você é desportista! E que desporto é que você faz?

—Eu?! Nenhum. Venho ver. Sou do Benfica. Depois este também é para pagar a doença do cancro, como foi o do Brasil.

A nossa conversa prosseguiu. Em vão tentei convencer o homem, mas ele lá se foi na sua. Talvez até cair nas mãos dos "cancerosos" e dos mercadores da candonga, que em ocasiões como esta andam sempre à espera de poder roubar mais uns francos e tentando enganar mais pessoas lançando boatos, dizendo que é para a doença do cancro e outros do género.

De cancerosos como esses, não há que ter pena. Quem não os conhecer que os compre. Lá diz o ditado:

"Com papas e bolos se enganam os tolos".

Sim! Somos tolos quando nos deixamos ir nas cantigas dos "cancerosos", dos oportunistas, dos falsos amigos do povo.

QUANDO É QUE ABRIREMOS OS OLHOS?

ÚLTIMA HORA

Eis a fotocópia do cartão do legionário e da declaração assinada por ele a que se refere o panfleto "A Informação ao Povo continua", reproduzido na página 7.

Eu, João Emanuel da Silva Artur no dia 26/5/71 (Maio) às 18 horas estive presente nas instalações da Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa. Sou membro da Legião Portuguesa no qual tenho o posto de legionário nº. 1906-119.344.

Na Associação fui interpelado por vários estudantes quando me estava a aproximar dum grupo em conversa. Estes estudantes pediram-me a identificação ao que eu reagi tentando fugir.

Assinatura
(João Emanuel da Silva Artur)



O 1º de Maio no Porto

Para comemorarem o dia 1º de Maio, isto é o dia dos trabalhadores de todo o mundo, os trabalhadores portugueses fizeram uma manifestação na Praça da Liberdade no Porto.

Durante a manifestação houve confrontamentos com a Polícia, dos quais resultaram vários feridos.

Na mesma altura foram presos 3 trabalhadores que faziam parte da manifestação e um correspondente de imprensa alemão. Por outro lado 6 trabalhadores e 3 polícias receberam curativos no Hospital de Santo António devido aos ferimentos.

Os trabalhadores portugueses mostraram mais uma vez que lutam sempre pelos seus direitos.

Um Nortinho

19 DE FEVEREIRO

MANIFESTAÇÃO CONTRA A GUERRA COLONIAL

À semelhança do que tinha acontecido no ano passado, os C.L.A.Cs. (comités de luta anti-colonial) convocaram uma manifestação contra a guerra que o governo português leva a cabo em Angola, Guiné, e Moçambique e de apoio à justa luta que desenvolvem os trabalhadores dessas colónias pela sua libertação.

À hora marcada, o largo Martim Moniz, o Rossio e os Restauradores estavam fortemente vigiados pela polícia e pela Pide. Várias carrinhas da polícia de choque estavam preparadas para intervir e dispersar brutalmente a manifestação.

Um grupo de operários de construção civil sentou-se numa boca de saída do Metro ao mesmo tempo que um grupo de jovens conversava animadamente numa paragem de eléctrico. A sua conduta levantou suspeitas para a Pide, tendo sido presos. Alguns foram soltos mais tarde, mas outros estavam ainda presos dias depois.

Entretanto, começou a correr entre os manifestantes uma palavra de ordem que dizia para se dirigirem para o Arco do Cego uma vez que o Martim Moniz estava cheio de polícia. Assim aconteceu. Ficaram ainda muitas pessoas na Baixa por não terem sido avisadas.

As oito horas menos um quarto um grupo de pessoas arrancou gritando: "Abaixo a guerra colonial!"

Antes de chegar a Entrecampos a manifestação dirigiu-se para a Avenida de Roma aos gritos de "Abaixo a guerra colonial!", "Vivam os Povos das colónias!", "Abaixo o imperialismo!", "Abaixo a Pide, Guerra à Pide!", "Vivam os movimentos de libertação das colónias!", etc.

A manifestação continuou vigorosamente até à Praça de Londres onde, foi dada a palavra de ordem de dispersar, para evitar que a polícia intervisse brutalmente.

o povo português

Aquilo que se gritou na manifestação de 19 de Fevereiro será ouvido por todo o povo português que firmemente unido, conseguirá por fim a guerra que a burguesia portuguesa conduz contra os nossos irmãos explorados nas colónias.

A manifestação foi precedida pela distribuição de milhares de comunicados e pinturas em Lisboa e arredores. Em muitos pontos da cidade lia-se:

"Todos para à rua no dia 19"

"Manifestemo-nos contra a guerra colonial"

A manifestação constituiu, pois, uma bela jornada de apoio aqueles que nas colónias dão a própria vida pela sua liberdade.

O povo português começa a compreender cada vez mais, que a luta dos povos das colónias é a sua própria luta!

José Nicolau
(Correspondente do "Salto" em Lisboa)

EM LISBOA NESTE MOMENTO:

Violenta repressão ao movimento sindical dos estudantes e às suas organizações democráticas (As associações de estudantes)

Durante o presente ano lectivo as autoridades desenvolveram uma intensa campanha de repressão contra o movimento estudantil.

Face à deturpação dos factos levada a cabo pelos órgãos oficiais de informação e procurando esclarecer a grande maioria da população sobre a realidade dos factos, as Associações de Estudantes resolveram fazer sair um comunicado.

Esse mesmo comunicado começou a ser distribuído no dia 25 de Maio pelos estudantes da Faculdade de Ciências nas vizinhanças desta. Na distribuição foram presos 3 estudantes por elementos da PIDE.

Mas, como dissemos, desde o princípio do ano que a repressão brutal se vinha abatendo: estudantes expulsos da Universidade, prisões, julgamentos promovidos pela polícia judiciária e pela PIDE, assim como acções da PSP, Legião e outras "corporações patrióticas" que chegaram a disparar várias vezes sobre os estudantes.

Aqui ao lado, reproduzimos na íntegra um documento muito importante, um comunicado que está a ser distribuído, neste momento, ao povo português e que relata os últimos acontecimentos na Universidade de Lisboa.

Prisões por todo o país

Segundo informações chegadas à redacção do "Salto", a Pide tem efectuado em Lisboa, como noutros pontos do país, numerosas prisões. Várias dezenas de estudantes foram presos ultimamente e outros expulsos da Universidade. Também, depois do rebentamento de bombas na base aérea de Tanços, a Pide efectuou numerosas prisões, ao mesmo tempo que aparecia nos jornais um comunicado em que eram publicadas as fotografias dos "suspeitos".

Segundo notícias que pudemos recolher, depois das manifestações do 1º de Maio que ocorreram em várias localidades, foram presas muitas pessoas nomeadamente em Lisboa, Porto e Vila Franca de Xira.

O QUE SE PASSOU COM OS CAIXEIROS?

Devido à agitação que vinha crescendo entre os caixeiros desde o início do ano, a Direcção do Sindicato pediu uma entrevista com o presidente do Conselho, Marcelo Caetano, a fim de lhe apresentar as reivindicações daquele grupo profissional. Caetano recusou-se, pura e simplesmente, dizendo "que não tinha quaisquer satisfações a dar".

Perante este facto, os caixeiros concentraram-se aos milhares em frente do palácio de S. Bento para protestarem contra a atitude de Marcelo e para exigirem a satisfação das suas justas reivindicações. Centenas de polícias armados de metralhadoras e cães, carregaram sobre a multidão provocando numerosos feridos e fazendo algumas prisões.

O Sindicato, depois desta ofensiva policial, deu praticamente a luta por terminada, dizendo expressamente num comunicado que apoiava todos os trabalhadores que se mantivessem "na ordem", tendo assim feito o que interessava ao patronato.

Temos assim que tirar duas lições:

1) Face às aspirações justíssimas dos trabalhadores (como, por exemplo, o aumento dos salários) o governo da burguesia portuguesa responde com polícias, cães e prisões.

2) Os sindicatos em Portugal, pela sua natureza fascista, não dão saída às aspirações dos trabalhadores.



Isto é a Universidade em Portugal: nela entram jovens cujos pais têm posses para os mandar estudar. Desses jovens, 4,5% são filhos das classes trabalhadoras; 95% são filhos da burguesia, dos que têm dinheiro. A Universidade é pois uma máquina de formar doutores, que mais tarde, nas empresas, nos aparelhos de Estado, etc... vão continuar a exploração dos trabalhadores.

Porque é que isto se passa assim? Haverá outro tipo de Universidade?

A INFORMAÇÃO AO POVO CONTINUA!

AS PRISÕES NUNCA O IMPEDIRÃO!

No dia 25 de Maio, depois de terem sido perseguidos dentro da sua escola, são presos por uns sujeitos "à paisana" 3 estudantes da Faculdade de Ciências. Posteriormente, veio-se a saber terem sido transportados para a prisão política de Caxias.

Qual a acusação?

Segundo a D.G.S. (pelos vistos, os patrões dos sujeitos "à paisana" por estarem a distribuir um "panfleto subversivo" a população:— O COMUNICADO AOS ESTUDANTES E À POPULAÇÃO assinado pelas AAEE (Associações de Estudantes).

Extremamente indignados com o acontecido, mais de meio milhar de estudantes da Faculdade de Ciências decidiram numa Reunião Geral de Alunos exigir a imediata libertação de todos os colegas presos, fazer uma greve geral por dois dias e distribuir novamente à população esse mesmo comunicado das AAEE. Todos os alunos votaram a favor.

Esta decisão foi cumprida. Depois de cerca de uma centena de estudantes procederem à distribuição às portas da Faculdade, indivíduos (da D.G.S., veio-se a saber) "à paisana" agarraram alguns colegas para os prender. À vista disto, os restantes estudantes voltaram atrás e arrancaram-nos das garras dos provocadores, dando a estes uma forte dose de pancadaria. Não esperando por esta reacção alguns destes indivíduos sacaram de pistolas e perseguiram os estudantes dentro da Faculdade, tendo ferido alguns a coronhada. Apedrejados e vaiados, os "PIDES" acabaram por sair da Faculdade.

Passado algum tempo, veio-se a saber que mais dois estudantes, embora nada tendo a ver com o que tinha acabado de suceder, foram presos nas imediações da Faculdade.

"Elementos Estranhos à Universidade", "agitadores"...

Na mesma tarde, os estudantes apanharam em flagrante delito nas instalações da sua Associação um provocador que foi identificado como pertencente à Legião Portuguesa: ao revista-lo, encontraram na sua posse uma pistola e uma matraca. Com certeza para fazer festas e sorrisos "em família" aos estudantes...

Como o Governo vem dizendo à população que "existem na Universidade elementos agitadores e estranhos a ela, que tentam prejudicar a maioria dos estudantes", o provocador foi obrigado a assinar, na presença de um representante das autoridades académicas (que entretanto os estudantes chamaram), uma declaração em como se comprova a sua presença nas instalações estudantis.

Esses elementos estranhos à Universidade, existem sim senhor. Mas são da Legião Portuguesa... organização muito conhecida pelas suas simpatias pela Alemanha nazi e os seus métodos.

"Panfletos Subversivos..."

Efectivamente, tem vindo a ser distribuído pelas Associações de Estudantes (AA EE) um comunicado à população denunciando as violências que a polícia e o Governo praticam contra os estudantes: desde prisões e torturas a camaradas nossos que não são criminosos mas sim pessoas que o Governo acusa de não pensarem como ele ('subversivos'); passando pelas brutais intervenções à cacetada e à coronhada durante reuniões de centenas de estudantes dentro das suas escolas; até ao encerramento das suas organizações livres e democráticas (as Associações de Estudantes).

A verdade é, afinal, subversiva!

Os estudantes nada mais fazem que lutar contra as imposições anti-democráticas do Governo. Tal como aos operários metalúrgicos lhes foi imposta pelo Governo, à força, uma Comissão Administrativa em troca da sua Direcção Sindical eleita democraticamente, aos estudantes também as suas direcções das Associações são presas e os seus sindicatos fechados. Tal como os trabalhadores do sindicato dos caixeiros são reprimidos à bastonada e à coronhada pela polícia governamental, quando tentam expor as suas reivindicações, o mesmo acontece aos estudantes nas suas escolas.

É o mesmo Governo que faz isto: não pode ser senão porque os interesses dos estudantes e do povo trabalhador são opostos aos seus interesses.

Quem tem medo da informação?

Quando a polícia governamental prende a torto e a direito estudantes, acusando-os de distribuírem estes comunicados à população, ela não faz mais do que mostrar que o Governo sabe que o povo não concorda com as suas prisões políticas, com as suas torturas, com a sua violência.

De outra maneira, porquê tanto medo que a população saiba dessas prisões, dessas torturas, dessas violências? Porquê tanto medo da verdade?

AS ASSOCIAÇÕES DE ESTUDANTES DE LISBOA

(AS AA EE)

VER ÚLTIMA HORA PÁGINA 6

mesa-redonda sobre a peça de teatro «O EMIGRANTE»

Mesa-redonda em que participaram o grupo de teatro do Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris e a redacção de "O Salto" sobre a peça "O Emigrante", representada no dia 29 de Maio em Nantes.

"O Salto" tomou conhecimento que o Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris (C.J.T.P.P.) levava pela primeira vez à cena no dia 29 de Maio, em Nantes, numa festa popular portuguesa organizada pelos trabalhadores daquela localidade a peça "O Emigrante".

Pela sua duração (cerca de hora e meia) e por ser uma obra colectiva do grupo de teatro do C.J.T.P.P., a peça despertou desde logo a atenção do "Salto" que decidiu fazer uma pequena mesa-redonda em que nos dessem alguns elementos sobre o trabalho que o grupo estava a realizar. Apanhámo-los em pleno ensaio.

A hora em que é publicado o nosso jornal a peça terá sido já representada em Nantes. Segundo nos informaram, vai haver também em Paris e outras localidades de França várias representações.

O C.J.T.P.P. está de parabéns. "O Salto" deseja-lhe as maiores felicidades no seu trabalho.

Estiveram presentes na mesa-redonda um representante da redacção do Salto que conduziu e cerca de 12 pessoas.

todos que fizemos a peça.

R.—"O Salto"—Uma obra de teatro pode ser feita de duas maneiras: ou por um só indivíduo ou por um grupo de pessoas, isto é, colectivamente. Quais foram as vantagens que vocês encontraram no trabalho colectivo que realizaram?

R.—Costuma-se dizer que da discussão nasce a luz e que onde todos ajudam, nada custa.

Se por exemplo, há um amigo com quem trabalhamos, que tem ideias erradas a propósito de determinados assuntos, se nós discutirmos com ele e lhe mostrarmos as coisas como são, é natural que ele perca essas ideias no decorrer da discussão e venha a ver claro o problema.

Não há dúvida de que o trabalho colectivo é muito mais educativo.

R.—Há pessoas que pensam que para fazer uma peça é necessário ser-se escritor. Ora, com o nosso trabalho, mostrámos que não é preciso ser escritor para fazer uma obra de teatro ou outra qualquer. Todos o podemos fazer; a questão está em juntarmos as nossas forças e trabalharmos em comum.

Aqui o representante do "Salto" chamou a atenção para o facto de só duas ou três pessoas estarem a falar e a darem a sua opinião; pediu, pois a todas as pessoas que

manhã. A boa vontade conta muito nestas coisas.

R.—Quanto a mim, isso constitui um obstáculo na aparência. Na realidade, estou convencido que quando quisermos e pudermos não haverá problemas.

A união dos operários e camponeses

"O Salto"—Passemos agora a outro assunto. Lendo a peça, nota-se que existem três personagens do lado do povo: um operário, uma operária-agrícola e um grupo de camponeses. Porque é que vocês escolheram estas três personagens e procuram mostrar que é necessária a sua união contra os outros que vocês mostram que são os exploradores?

R.—Ao longo das lutas populares em Portugal verifica-se que tem sido principalmente a classe operária aquela que tem tomado posições firmes no que diz respeito a libertação do povo. O que se verifica é que, é na base da união dos operários e camponeses pobres que reside a força máxima que conduzirá à transformação da sociedade portuguesa para a via dum regime verdadeiramente popular. É isso que na nossa peça procuramos mostrar.

Por exemplo, no caso do camponês, quando ele verifica que é vítima da exploração une-se firmemente à classe operária e com ela vai lutar para acabar com a exploração do homem pelo homem.

—A mim parece-me que a sua luta conjunta começa no momento em que uns e outros, devido à miséria em que viviam em Portugal, são obrigados a emigrar. O ponto máximo da peça é no seu final, em que o Augusto, camponês, ao saber de uma reunião em Paris em que estão juntos os senhores que o têm explorado e que estão a estudar novas formas de o sugar, pega na enxada, vira-se para o Joaquim, que é operário e que sempre lhe procurou mostrar a realidade, e diz-lhe:

—"Pois vamos lá tratar desses cavalheiros!". Aqui começa a sua luta conjunta contra o mesmo inimigo.

—Não há dúvida, quanto a mim, que a sua situação os une. Essa união faz-se na luta do dia a dia, por objectivos comuns a uns e a outros. O que o amigo que falou antes queria dizer ao afirmar que,

(Continua na pág. 6)



Uma cena da peça "O Emigrante"

"O Salto"—O que nos interessa é fazer uma discussão sobre a peça e dar desde já algum conhecimento dela aos nossos leitores.

A primeira questão que "O Salto" queria pôr era a seguinte: porque é que resolveram escrever uma peça, uma vez que existem tantas já escritas?

R.—Pensámos fazer uma peça sobre a nossa vida em França, que mostrasse bem o que passávamos para chegar até aqui, os problemas que nos preocupam todos os dias. Assim juntámo-nos e cada qual deu o seu contributo na feitura da peça.

Resolvemos fazer uma peça sobre a emigração, uma vez que é um problema importante e que existem tantos emigrados em França.

R.—Quanto a mim não existe em português uma obra de teatro que veja, de uma maneira correcta, os problemas da emigração portuguesa em França. Considerámos dois tipos de emigração: uma primeira, derivada da miséria a que a grande maioria da população portuguesa está sujeita (emigração económica) e que obriga grande número de operários e camponeses a deixar o país em busca de melhor sorte; um outro tipo de emigração derivado da guerra colonial, ou seja, o conjunto de jovens que se recusam a fazer o serviço militar e que vêm para França. Ora parece-me, a peça foca exactamente esses dois problemas.

Uma obra colectiva

"O Salto"—Quem escreveu a peça "O Emigrante"?

R.—Foi escrita por numerosos membros do Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris. Cada qual deu a sua opinião sobre a emigração e a partir daí começámos a escrever; fomos nós

falarem e debatessem os assuntos.

Depois disto, e devido à dúvida de uma moça presente que não sabia se uma pessoa que vinha a salto era um emigrante ou um fugitivo, desenvolveu-se uma discussão muito interessante sobre o tema da emigração.

Falou-se da dificuldade que encontravam os trabalhadores portugueses em arranjar passaportes legais em Portugal, o que os obriga a vir a salto.

Houve em seguida uma pessoa que pôs a seguinte questão: "Porque é que vêm mais emigrantes para França do que para qualquer outro país da Europa?" Chegou-se à conclusão que havia três motivos principais: primeiro, devido à pouca distância que separa este país de Portugal; em segundo lugar porque a França oferece algumas condições, por exemplo, para os jovens que não querem ir à guerra; em último lugar, o emigrante que vem a salto obtém facilmente a sua legalização.

A mesa-redonda sobre a peça prosseguiu:

"O Salto"—A peça engloba um grande número de pessoas. Ora, há um problema que é este: vai ser um pouco difícil, uma vez que vocês vão fazer muitas representações, juntar todas as pessoas. Já pensaram nisso? Como vão resolver o problema?

R.—O grupo de teatro não é constituído por profissionais. Gostamos de fazer teatro para nos educarmos e para educarmos aqueles que nos ouvem e vêem. Não há datas marcadas para representar. No dia 29 representaremos em Nantes; estamos todos disponíveis. Depois representaremos quando todos pudermos e podemos assegurar, que temos grande vontade de mostrar o nosso trabalho. Se não pudermos hoje, podemos a-

CONHECE os clubes de trabalhadores

Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris

Em Ivry
25, Rue Cristophe Colomb
Metro Pierre Curie e Mairie d'Ivry

Teatro : 3º e 5º feiras.
Musica : 3º, 5º e Sábados.
Lições de Francês : 3º, 6º e Sábados.

A partir das 20h 30m

Festas e convívio todos os Domingos a partir das 15h.

Centro Português de Iniciação Cultural

65, Rue Corvisart, Paris 13
Metro Corvisart ou Place d'Italie

Escola de Francês : 2º, 4º e 6º feiras a partir das 20h 30m

Convívio todos os Domingos, a partir das 15h.

NANTES

Para todos os problemas sociais
GASPROM

9, rue des Hautes Pavés

Clube dos Trabalhadores Portugueses de Brie

4, Boulevard des Fossés

Todas as pessoas da região, interessadas em praticar futebol, teatro e musica, entrem em contacto com o clube.

SARCELLES

Clube dos Trabalhadores Portugueses de Sarcelles
(em formação)

Cursos de Francês em casa do Baltazar.

Chambre 13, Eberge Guerra-Tarcy, Av. Marie-Blanche.

CHATENAY MALABRY

Clube dos Trabalhadores Portugueses de Chatenay-Malabry
(em formação)

Centro de alfabetização em frente do Foyer da Citroën
35, Rue Jean Longuet

Cursos de Francês às 2º, 3º e 5º feiras às 19h 30m.

HOLANDA

Associação Resistência e Trabalho

Brink 1 A - Amsterdam

Cursos de Holandês às 3º e 5º feiras às 20h.
Secção social às 3º, 6º e Sábados às 20h.

★★★

«O Salto» B. P. 95 - Paris XI

A FESTA DE NANTES

"O Salto" organizou, como é sabido, nos dias 29, 30 e 31 de Maio uma excursão a Nantes. Nela participaram mais de 30 pessoas, trabalhadores portugueses emigrados, que aproveitaram a ocasião para conviverem com os seus camaradas de Nantes.

Durante toda a excursão reinou o melhor ambiente de camaradagem. Todos foram unânimes em reconhecer que aquela viagem tinha contribuído, afinal, para se ligarem mais.

No dia 30, domingo, houve em Nantes um espectáculo, em que o Grupo de Teatro do Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris apresentou, pela primeira vez a peça "O Emigrante". Foi, na realidade, um sucesso. A peça, de mais de hora e meia de duração, provocou o entusiasmo de todos os presentes que dedicaram grande carinho aos componentes do Grupo de teatro e ao trabalho que, colectivamente, realizaram.

Nessa manhã realizou-se um jogo de futebol entre as equipas de Nantes e de Paris. Mais uma vez, também no desporto, reinou a camaradagem.

Ainda quanto ao espectáculo, houve canções de luta e trabalho por Carriço que interpretou 6 magnificas canções. Uma jovem francesa colaborou também cantando canções de luta da sua terra, Um

jovem de Nantes deu também a sua colaboração ao espectáculo. Este último mostrou possuir qualidades musicais que se forem aproveitadas para a música popular, muito nos agradará.



"O Salto", o Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris e os trabalhadores portugueses de Nantes estão de parabéns. Com esta realização conjunta e com outras que certamente se seguirão deram mais um passo no sentido da grande união que todos temos que construir.